



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ESCOLA E HOMOAFETIVIDADE: UM OLHAR SOCIOCULTURAL SOBRE OS NOVOS MODELOS FAMILIARES

Erlane Garcia Ferraz
Universidade Estadual da Paraíba- UEPB
erlanegferraz@gmail.com

Luana Camila Gomes dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba- UEPB
luanacamila16@gmail.com

RESUMO

O estudo tem como objetivo clarificar as discussões que circundam a relação entre os novos modelos de família e da homossexualidade no campo educacional. A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica, mediante o interesse de aprofundamento sobre essa temática e obter um melhor entendimento para que o estudo seja concluído com satisfação, foram estudados os seguintes autores :LOURO (2008), SILVA(1999), KRAMER (2002),SZYMANSKI (2007).Com base nas leituras realizadas observou-se a importância das práticas educativas e como o currículo escolar necessita contemplar a sexualidade e diversidade de gênero. As escolas e os profissionais devem ser capacitados para situações que envolvam devidas abordagens. Cabendo a este ambiente o compromisso de promover uma educação democrática, e desprovede preconceitos e discriminações.

Palavras-chave:Família, Homossexualidade, Escola, Educação.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

A comunicação e o relacionamento frequente entre as pessoas envolvidas no processo educativo refletem diretamente no pleno desenvolvimento da criança. Deste modo, o envolvimento da família no cotidiano escolar de seus filhos torna-se um componente essencial para o sucesso do trabalho escolar. Cabendo a escola considerar a importância da relação, propiciando situações que favoreçam uma participação ativa destes. Levando em consideração as mudanças ocorridas nas configurações familiares, sendo essa uma dificuldade quando o assunto é a relação família-escola.

Compreendemos que as mudanças existem e estão presentes em nosso cotidiano, e a família, assim como outras instituições sociais sofreram modificações ao longo do tempo, deixando de ter apenas um modelo referencial de pai, mãe e filho, abrindo possibilidades a diferentes modelos dentre elas a família homoafetiva.

Vivemos os tempos em que a educação é anunciada como base formadora da sociedade. Porém, nos deparamos que nem tudo é um mar de rosas e que a educação precisa se reinventar e rever muitas de suas antigas e intocáveis concepções. Todos os aspectos ligados a educação ainda são vistos de um ponto de vista formal, enquanto isso, a pluralidade que ele necessita ter, cai no esquecimento. A escola deve ser um ambiente para a tolerância, respeito às diferenças e conviver com todas as pessoas. Sem tolerância não há dinamismo, e não há caminhos que façam da educação uma estrutura aberta e disposta a se adequar a uma diversidade cultural.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE

A família é a base fundamental no processo de desenvolvimento e constituição do indivíduo. Pois, é através da estrutura familiar que se inicia os primeiros contatos de relações sociais, iniciando assim uma história de vida.

Atualmente as discussões em torno da família, estão voltadas para as mudanças que estão ocorrendo em relação a sua configuração. Mudanças essas que nos possibilitam ter um olhar mais voltado para a realidade evidente, a qual a família não é formada por uma única estrutura como descreve o modelo tradicional: pai, mãe e filhos biológicos. Apesar dessas mudanças a família sempre será o principal alicerce para o desenvolvimento da criança, independente da sua configuração.

O processo de mudança, em relação às configurações Familiares vem ocorrendo ao longo do tempo e de acordo com as modificações sociais. Hoje, podemos notar que existem diversos modelos de família, cada um com a sua particularidade, fugindo do modelo tradicional, existem estruturas familiares formadas por mães ou pais adotivos, crianças cuidadas e educadas por avós, casais divorciados que dividem a guarda dos filhos, e por casais do mesmo sexo. Como saliente Simionato (2003, p. 60):

A partir daí, surgem inúmeras organizações familiares alternativas: casamentos sucessivos com parceiros distintos e filhos de diferentes uniões; casais homossexuais adotando filhos legalmente; casais com filhos ou parceiros isolados ou mesmo cada um vivendo com uma das famílias de origem; as chamadas 'produções independentes' tornam-se mais frequentes, e mais ultimamente, duplas de mães solteiras ou já separadas compartilham a criação de seus filhos. (SIMIONATO, 2003, p. 60).

Diante desse enfoque, renasce uma família do futuro, na qual a sociedade evolui para o surgimento de novas ideias e vivências, favorável a diferentes estruturas familiares e aos novos arranjos que ocorrem na família contemporânea. As transformações no âmbito da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

família refletem as mudanças sociais e materiais em relação à instituição familiar e às relações de gênero. A concepção de família, amor e casamento passam por inovações, defendidas ou rejeitadas pela sociedade. O fato é que esse novo contexto existe e precisa ser incorporado como resultado das mudanças sociais.

Conforme o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, são cerca de 57 milhões de lares. Atualmente a formação clássica mais conhecida como família nuclear formada de casal com filhos, representa 49,9% dos domicílios, enquanto outros tipos já somam 50,1%; são 10,197 milhões de famílias em que só há mãe ou pai; em 37% dos lares, as mães já são as principais responsáveis pelo sustento de todos e existem pelo menos 60 mil famílias homoafetivas brasileiras, das quais 53,8% são formadas por mulheres.

A família tradicional não é mais o único modelo de família estruturada possível. As novas configurações, incorporadas aos novos modelos pelo Censo do IBGE, demonstram que há uma atenção aos novos arranjos a fim de identificar como as famílias se organizam e reorganizam. Ao existir a reestruturação, exclui a possibilidade de pensar que as novas famílias existem porque outras são desfeitas ou desestruturam. Isso seria afirmar que a família ideal continua sendo a família nuclear tradicional, ao contraposto de se entender que este é só mais um tipo de estrutura familiar (REVISTA MAGISTRO, 2013, p.178).

Apesar de ser uma questão delicada, o referencial de núcleo familiar possui uma configuração amplamente diversificada, portanto, hoje, o termo família é constituído por vários conceitos aos quais devem ser respeitados, deixando de lado a visão de que a família continua tendo a configuração do antigo modelo nuclear, passando então a direcionar o olhar para a realidade em que, família é constituída por sistemas de relações sem paradigmas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE NA ESCOLA

As construções sociais se fazem presentes desde a infância. E, ao falarmos em dicotomia de gêneros, podemos afirmar que a nossa sociedade não seria um exemplo de igualdade. Ao nascerem, elas (as crianças) são pré-determinadas com a ideia de que a divisão entre o masculino e o feminino é algo natural. É interessante a maneira como se impõe condições e como as pessoas obedecem. Torna-se possível compreender que estas noções foram construídas historicamente e aprendidas nas relações entre os sujeitos. Como afirma Louro (1997):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações entre homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 1997, p. 21).

Sabemos que a escola é um importante cenário para análise de como essas dicotomias são reproduzidas. Louro (1997, p. 57) observa que "é indispensável admitir que a escola, como qualquer outra instância social, é, queiramos ou não, um espaço sexualizado, generificado".

Vale reforçar a necessidade da existência das práticas educativas e como o currículo escolar deve priorizar os princípios da diversidade. Seguindo esse raciocínio, escolas e os profissionais devem ser preparados para situações que envolvam devidas abordagens. Tratando-se de um discurso, caso não seja trabalhado corretamente, a criança terá em mente concepções errôneas que vão permear sobre sua educação. As estratégias de poder que se encadeiam na escola para exercer controle e para educar os estudantes podem ser analisadas a partir do currículo. Para SILVA (1999), o currículo formula métodos de melhor organizar experiências de conhecimento dirigidas à produção de modos particulares de subjetividade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ao corporificar determinadas narrativas sobre o indivíduo e a sociedade, o currículo nos constitui como sujeitos.

O currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz (SILVA, 1999, p. 27).

É necessário discutir o estudo e estruturação de um currículo multicultural, na busca de efetivar as práticas escolares que tratem da diversidade, sexualidade e orientação sexual nas escolas, como forma de garantir o direito às diferenças e ao princípio da igualdade.

OS NOVOS MODELOS DE FAMÍLIA E HOMOFÓBIA NA ESCOLA: COMO DISCUTIR ESSA QUESTÃO?

Não é de hoje que aquela velha expressão de “que os tempos mudam” ecoa no seio da sociedade. É verdade que algumas dessas transformações/ mudanças são aceitas com naturalidade ou nem mesmo percebemos quando elas ocorrem. Mas, e quando nem tudo se encaixa da forma mais fácil? Como lidar quando certos aspectos sociais chocam diretamente com a formação cultural e a forma que muitas pessoas enxergam o mundo? Uma parte parece enxergar determinados assuntos como complexos e até mesmo absurdos. Já outras defendem um pensamento mais abrangente, adepto pelo respeito à diversidade. A discussão desses pontos nos leva ao homossexualismo. A forma como essa opção sexual vem sendo discutida, suscita as discussões de correntes que defendem os direitos destes personagens sociais, assim como confrontam com opiniões, sustentam a homofobia.

A conscientização de que a homossexualidade não se abstém a um setor X ou Y, mas como em todos da sociedade contemporânea, ainda parece ser tortuosa. Quando avaliamos a maneira de como a mídia aborda a temática da homoafetividade, ao transmitirem cenas de beijos e as variadas discussões que estas cenas levantam nas redes sociais, sinalizam que estamos longe de uma visão natural das coisas. Além do campo midiático, a discussão



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

inevitavelmente chega às escolas, e abre outros leques de diálogos, de forte caráter cultural e ideológico. Se pensarmos no espaço educacional como um ambiente que colabora para a formação do cidadão, também precisamos compreender que as escolas necessitam caminhar na busca de um acompanhamento no ritmo que as coisas ocorrem

Sabemos que muitos alunos temem pelo que podem enfrentar ao declarar uma opção sexual. Além do temor de enfrentar uma represália familiar, e lidar com visões de professores ou de todos que fazem parte do corpo escolar. Todos esses pontos evidenciam que ainda persiste uma dificuldade de se debater esse contexto. Será mesmo que vale a pena continuar sustentando a visão de que um âmbito de educação deve se manter alheio às quebras de tabus? A realidade convida a todos que estão envolvidos no fazer de um ensino para participarem de um movimento que contempla os temas que estejam dispostos perante o mundo em que vivemos. Muitas escolas ainda estão ligadas a paradigmas sociais e religiosos, fechando os olhos para uma realidade evidente. Conforme Santo (1997), a escola tem a responsabilidade de entender que o modelo familiar mudou e é com esse novo modelo que se deve compartilhar as expectativas e planejar melhorias nesse contexto. Assim, a escola precisa ser o espaço de formação e preparação das novas gerações e os professores precisam se aproximar de seus alunos tendo o apoio constante da família.

Mas toda essa problemática não diz respeito apenas ao fato de um aluno declarar ou não sua homossexualidade. Os novos modelos familiares surgem como outro capítulo que desafia e traz para as escolas visão e releitura de padrões que se fazem presentes desde que a civilização começou. Abandonando qualquer discurso hipócrita, é preciso encarar o panorama de que pode não ser tão simples para um gestor ou professor ter que se deparar com o fato de um aluno ter pais de um mesmo sexo. Da mesma forma, também é difícil como trazer à luz a essa outra forma de panorama afetivo, que confronta com o que a maioria entende como “normal”. Avaliando com todos os cuidados, o enigma parece ser o de como conciliar o novo com o tradicional. Até as rotineiras festinhas dos pais e das mães precisam passar por uma revisão de concepção.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Não é fácil ou nem haverá a possibilidade de incluir outra maneira de pensar. Cada um tem sua forma de ver as coisas, porém, não podemos fugir de uma discussão evidente. As escolas não devem ser resumidas aos "circuitos fechados" e, por mais que haja certa dificuldade no entendimento disso, ela precisa vivenciar e enxergar o social. Homossexualidade, e os fatores críticos que ela implica e a própria homofobia, exigem serem pontos que devem ser incluídos nos debates que circundam o campo educacional.

É chegado o momento das escolas decidirem se querem colaborar na construção de pessoas mais abertas e afastadas do raciocínio homofóbico, ou então, apenas mais uma instituição entregue a um típico mecanicismo. A resposta, certamente, está na abertura de uma educação mais participativa e integrada à sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que, ao falarmos sobre relação escola-família encontramos muitos desafios. E para que essa relação funcione não basta apenas que a família esteja presente na participação da organização do ambiente escolar, necessita também que a escola proporcione condições para que essa relação seja realizada como se deve. As duas instituições possuem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, e a parceria é essencial. O estudo nos proporcionou a ter um olhar mais voltado para a atualidade em relação à família, aonde a mesma vem passando por mudanças em relação a sua configuração, implicando assim o posicionamento que a escola possui em relação a essa problemática.

É necessário que a escola aceite seus alunos de acordo com as suas diversidades, buscando compreendê-los como sujeitos históricos que são provenientes de diferentes contextos, considerando que ninguém possui uma identidade única. Cabe a escola e a família formarem uma parceria para que juntas solucionem impasses que se estabelecem entre elas. A escola precisa compreender e aceitar o desafio de que seus alunos não fazem parte um grupo homogêneo, e que independente da estrutura familiar, a escola deverá sempre



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

proporcionar aos seus alunos um ambiente de respeito mútuo, aceitando e respeitando as suas particularidades.

REFERENCIAS BIBILOGRAFICAS

DI SANTO, Joana Maria R. **Família e Escola: relação de ajuda**. Disponível em: <http://www.centerrefeducacional.com.br/famiescola.htm>. Acessado em 22/04/2015.

IBGE. Censo demográfico de 2010. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br/. Acessado em: 20/04/2015.

KRAMER, Sonia (coordenadora). *Com a pré-escola nas mãos*. 14ª ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 2002.

LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SIMIONATO, M. A. W. e OLIVEIRA, R. G.. *Funções e transformações da família ao longo da história*. Anais do I Encontro Paranaense de Psicopedagogia – ABPppr – nov. 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. *O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

SZYMANSKI, H. *A relação família/escola – Desafios e perspectivas*. 2ª ed., Brasília: Líber, 2007.



**XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES**